

A EXPERIÊNCIA SAPIENCIAL DO CUIDADO

L'esperienza sapienziale della cura

Carlos Rodrigo Dutra¹

Resumo: O texto trata de alguns aspectos da literatura sapiencial relacionados ao tema da Campanha da Fraternidade 2020. O acento está na ideia do cuidado e como ele pode ser percebido na elaboração sapiencial.

Palavras chave: Sabedoria, cuidado, ética, atitudes.

Riassunto: Questo articolo tratta alcuni aspetti della letteratura sulla saggezza relativi al tema della Campagna della Fraternità 2020. L'enfasi è sull'idea di cura e su come può essere percepita nell'elaborazione sapienziale.

Parole chiave: saggezza, cura, etica, atteggiamento.

*Mas há milhões desses seres
Que se disfarçam tão bem
Que ninguém pergunta
De onde essa gente vem
São jardineiros
Guardas noturnos, casais
São passageiros
Bombeiros e babás
Já nem se lembram
Que existe um Brejo da Cruz
Que eram crianças
E que comiam luz
São faxineiros*

*Balançam nas construções
São bilheteiras
Baleiros e garçons
Já nem se lembram
Que existe um Brejo da Cruz
Que eram crianças
E que comiam luz
(Chico Buarque, Brejo da cruz)*

A Campanha da Fraternidade 2020 tem como tema “Fraternidade e Vida: dom e compromisso”. Seu lema é “Viu, senti compaixão e cuidou dele”, extraído de Lc 10,33-34. Ob-

¹ Carlos Rodrigo Dutra. Licenciado em Filosofia (PUCRS) e Teologia (ESTEF). Mestre em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Gregoriana). Professor na ESTEF e UNICENEC (Osório, RS). Endereço: crodrigodutra@gmail.com

servo que seu texto-base² faz escassas menções ao Antigo Testamento: Gn (duas vezes), Lv (cinco vezes), Dt (uma vez), 1Rs (uma vez), Sl (duas vezes), Is (uma vez).

Neste artigo vamos discutir brevemente a incidência de algumas realidades e conceitos abordados no texto-base tendo como panorama o Antigo Testamento (AT), mormente a Literatura Sapiencial.

O Percorso Sapiencial

A respeito da Sabedoria, recordamos Beauchamp (1977, p. 102) que se espantava dizendo como é fácil não falar dela, pois a sabedoria é expletiva.

Uma definição atual de sabedoria incluiria palavras como bom senso, prudência, discernimento, julgamento, saber, percepção, compreensão. Mas, estaríamos enganados se achássemos que a sabedoria no mundo antigo estava restrita a algumas áreas como conhecimento, inteligência, instrução ou maturidade. Ao contrário, ela refletia um conceito muito mais amplo da compreensão do papel dos seres humanos no cosmo. Provavelmente, deva ser entendida como a habilidade de trazer ordem ao caos ou perceber ordem em meio ao caos.

A sabedoria da divindade (israelita ou outra) se refletia em gerar ordem por meio da organização, manutenção, sustento e funcionamento do cosmo. É por isso que a Criação é um tema tão proeminente na Literatura Sapiencial. Ela inclui a compreensão do mundo natural e humano, da sociedade e da civilização, do cidadão comum e do rei. Os seres humanos são confrontados com o desafio de adquirir sabedoria à medida que promovem a ordem no caos de seu próprio mundo e percebem a ordem que Deus colocou no cosmo ao criá-lo. Isso inclui ética e etiqueta, filosofia e psicologia. E a compreensão de como funcionam o mundo e o coração humano de modo a estabelecer a justiça.

Segundo Krüger (2011, p. 67-68)

O tema da literatura sapiencial é principalmente a conduta de vida cotidiana no trato com outras pessoas, desde o rei (Pr 16,12ss), o vizinho (Pr 25,17s), a esposa (Pr 31,10ss) e os filhos e filhas (Pr 13,24) até os pobres e necessitados (Pr 17,5)... A atitude de vida recomendada, ou seja a atitude de sabedoria, inclui justiça (Pr 15,21) e temor do Senhor (Pr 10,27), mas também virtudes como a diligência (Pr 12,24),... a confiabilidade (Pr 20,6) e a disposição de aceitar ensinamento e crítica (Pr 10,17)... uma conduta de vida em respeito a Deus e aos próximos (mas também aos animais: Pr 12,10) em orienta-

² CNBB. **Campanha da Fraternidade 2020: Texto-Base**. Brasília: CNBB, 2019.

ção pelo *ethos* tradicional (Pr 15,5) mas também na consciência dos limites da organização da vida humana (Pr 21,30s).

Só a linguagem é diferente?

O Antigo Testamento descreve o encontro entre Deus e o ser humano numa trama tão ampla como a própria vida. Parece que nenhuma faceta da existência humana se subtraiu a esta interação entre o divino e o humano, cristalizada na história de um povo. Durante um lapso de mais de mil anos e numa linguagem que reflete, praticamente, todos os aspectos de nossa condição humana, desde uma profunda desesperança até uma exaltação mística, esta variada coleção de escritos rememora a experiência única da relação de Deus com seu povo e do povo com seu Deus.

O AT resiste a qualquer sistematização fácil de uma experiência tão rica. Enquanto corpo literário, é uma obra desordenada e exige de quem o lê um esforço considerável para mover-se com desenvoltura em uma literatura que se serviu, praticamente, de toda forma literária válida e que recorre a toda gama de emoções humanas. Narra a história longa e tortuosa, de como Deus formou para si um povo.

Parece factível perfilar as linhas mestras dessa interação entre o divino e o humano, resumindo o pensamen-

to de Israel em três pontos de apoio: Deus, ser humano, aliança.

O que, antes de tudo, nos surpreende a respeito da fé de Israel em Deus, é sua natureza única comparada com outras noções de divindade no antigo Oriente. O que não quer dizer que Israel se mantivesse isolado da cultura e das correntes de pensamento próprias do seu entorno. Hoje está demonstrado que a tradição legal israelita, seu templo, seu sistema sacrificial, assim como os cânticos de sua liturgia sagrada, sua sabedoria e a instituição do profetismo, tiveram muito em comum com seus vizinhos.

O surpreendente é que, em um mundo totalmente dominado por um politeísmo baseado na identificação dos deuses com as forças da natureza, somente Israel confessasse a adoração a um único Deus, fora do qual não podiam admitir-se outros deuses. Seu primeiro mandamento foi uma clamorosa afirmação deste dever. É certo que pode ter havido uma evolução no conhecimento de Deus por parte de Israel, e a revelação posterior do segundo Isaías deu a este monoteísmo um enfoque mais penetrante. No entanto, é de se notar, que não houve retrocesso significativo nesta convicção, que pode remontar à época de Moisés e que se purificou e desenvolveu no transcurso da história de Israel.

Precisamente no mandamento que Jesus chamou de “o primeiro e maior” se afirma a unidade e unicidade de Deus. Encontramos no Sema: “Escuta, Israel! O Eterno é nosso Deus, o Eterno é um só! E amarás ao Eterno, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas posses” (Dt 6,4-5)³. A unidade de Deus exige que Ele seja servido com todo o ser da pessoa humana. O pensamento deuteronômico rechaça todo o pluralismo de fé e culto. Nele, é intolerável qualquer contemporização, visto que se exige todo o coração para adorar ao único Deus. É uma intimação a enfocar toda a vida em direção a Deus.

A experiência fala alto

Se nos perguntamos, mais concretamente, sobre o modo como chegou Israel ao conhecimento deste Deus ao qual se deve servir com entrega total, descobrimos que tal revelação foi dada de duas formas que merecem particular atenção.

A primeira, ao menos cronologicamente, é constituída pelos acontecimentos históricos vividos por esse povo. Reconhecia-se a história como cenário da ação divina. Importante e

concreta foi sua dramática e decisiva intervenção em favor de uma oprimida e escravizada minoria no país do Egito. O Senhor se revelou primordialmente como um Deus salvador.

Desde o princípio, Israel confessou que foi chamado à existência pela intervenção libertadora do Senhor. Mais tarde, os profetas proclamariam conseqüentemente que Deus formou um povo para si dentro dos acontecimentos históricos. Ao mesmo tempo, impôs a esse povo suas exigências. Com o tempo veremos como essas relações foram uma mescla de privilégios e obrigações e encontraram sua expressão na imagem predominante da Aliança.

A Palavra de Deus foi comunicada a Israel solene e claramente em um acontecimento salvador que se inicia com o êxodo do Egito. Os desastres que se abateram sobre os egípcios, a vitória sobre o exército do Faraó, os sinais no deserto e a entrada em Canaã foram outras tantas manifestações das intenções de Deus sobre esta comunidade. A evolução da história segue revelando os desígnios de Deus. Em momentos críticos interveio para evitar o aniquilamento do povo. Outras vezes, as vicissitudes da história provocaram o juízo de Deus sobre a iniquidade do povo. Tanto nas vitórias como nas desgraças, a vida deste mesmo povo foi experimentada

³ Os textos bíblicos citados encontram-se em: **Tana completo – hebraico e português**, 2018. Para os deuteronômicos utilizei: **Bíblia Sagrada**, 2012.

como um prolongado encontro com o Deus vivo.

Confiança rebelde

A literatura sapiencial foi a segunda forma pela qual o povo de Israel elaborou seu conhecimento de Deus. Nela, os sábios convidam a afrontar a vida com uma enorme dose de confiança, fazendo referência a uma realidade normativa que orienta a existência. O princípio ativo dessas normas encontra sua raiz na própria intervenção do Senhor. Ele é que está presente como princípio orientador e propulsor e oferece uma serena estabilidade ao âmbito da vida (RAD, 1985, p. 243).

Este autodescobrimento de Deus nos acontecimentos históricos não foi o resultado final de uma reflexão humana sobre a história, como se os israelitas, por certo sentido religioso inato, tivessem podido chegar à conclusão de que Deus estava presente em sua história. Semelhante sentimento religioso inato brilhou visivelmente pela sua ausência entre eles. Exigir algo assim como um extra-sentido em matéria religiosa privaria a Revelação de seu caráter sobrenatural e reduziria a teologia do AT a uma forma de sabedoria humana.

Os acontecimentos exigem uma interpretação: penetrar nos desígnios divinos implícitos às conse-

quências dos fatos históricos. Desde Moisés, passando pela tradição profética e chegando à elaboração sapiencial, Deus suscitou intérpretes da ação divina e exegetas do sentido histórico.

Os porta-vozes de Deus não se contentaram em dizer: “Eis o que aconteceu! Agora julguem vocês mesmos”. O que nos deixaram no AT é uma teologia da história, uma interpretação da fé histórica como realização dos desígnios divinos. O AT não é um simples registro de acontecimentos, senão sua iluminação interior e chave para a coordenação dos eventos. Ao AT não lhe compete fazer uma reportagem dos acontecimentos em si mesmos, senão indagar constantemente o sentido oculto das consequências da história.

Deus como cuidador

De qual modo Deus se relaciona com a natureza? Ou para expressá-lo na linguagem bíblica, o que nos revela o AT acerca do Deus que cuida? Se é o Senhor da história, o é igualmente da natureza? A resposta à última pergunta é afirmativa, ainda que se reconheça atualmente que as mais primitivas confissões de fé de Israel se centraram em sua ação salvífica na história. O eixo fundamental da fé de Israel é constituído pelas relações

divino-humanas enquanto professadas na comunidade cultural.

A constante experiência por parte de Israel do poder de Deus em seu favor, revelou a YHWH como um ser pessoal que transcende às forças da natureza, as quais pôde canalizar em direção à realização dos seus desígnios de salvação: “Pelejaram desde os céus; saíram de suas órbitas e as estrelas pelejaram contra Sísara” (Jz 5,20).

Nas bênçãos, como no castigo, a natureza estava a serviço de YHWH. Porém, a fé em Deus Criador não era o artigo mais primitivo nem essencial da fé de Israel. Nem sequer se menciona a criação em algumas das primitivas crenças de Israel (Dt 26,5-9; Js 24,2-13), nas quais se põe o acento exclusivamente no que fez YHWH pelo seu povo. Não obstante, a doutrina da criação encontrou sua expressão em todos os grandes ramos da literatura veterotestamentária e, em certos casos, como ocorre no livro de Jó, a revelação da criação, de um cosmos resplandecente de Deus, constitui uma parte integrante da mensagem. A partir da experiência vivida com seu Criador que lhe falou claramente em meio ao turbilhão, Jó não recebeu resposta, mas partilhou uma nova relação com Deus. Sentiu uma nova presença que o levou a superar o problema da justiça divina: “Esta é uma

pálida imagem de Seus caminhos. E somente um suave respiro se escuta. Mas o retumbante trovão de Suas façanhas quem pode compreender?” (Jó 26,14).

Teologia do Cuidado

Uma teologia do cuidado de Deus baseada no Antigo Testamento deve insistir nos dois caminhos trilhados pelo pensamento veterotestamentário: a) a influência de culturas vizinhas do antigo Oriente Próximo, especialmente Egito e Mesopotâmia, sobre Israel; b) a radical ruptura de Israel com seu entorno: ao contrário dos seus vizinhos, Israel dessacralizou todo o reino da natureza.

Quando lemos o Sl 19,2 - “Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento atesta a obra de Suas mãos” - ouvimos uma voz remediando as crenças dos egípcios e babilônios. Os céus, que não eram para o salmista mais que um testemunho da grandeza de Deus, possuíam para os mesopotâmios a mesma majestade da divindade Anu, o dominador supremo. Para os egípcios, significavam o mistério da mãe divina da qual todo ser renascia. No Egito e na Mesopotâmia, o divino era concebido como imanente. Os deuses estavam na natureza. Os egípcios viram no sol tudo quanto o ser humano pode conhe-

cer do Criador. Os mesopotâmios contemplaram o sol como o deus Shamah, garantidor da justiça. Ao contrário, para o salmista, o sol era o servidor fiel que, “como o noivo sai da câmara nupcial, e como um herói ansioso percorre seu trajeto” (Sl 19,6). O Deus dos sábios não estava na natureza: transcendia a natureza e transcendia também os domínios do pensamento mítico-poético.

Ao adorar o Senhor da natureza e da história, o ser humano, no AT, experimentava um poder no qual podia apoiar suas esperanças, que se negava a aceitar a miséria e a derrota presentes como definitivas e que ousava decifrar o significado das vicissitudes da história: “o que é o ser humano para cuidares dele? E o filho do homem para que o consideres?” (Sl 8,5).

Na atualidade, Bento XVI (2019, n. 17-18) chamou a atenção para essa relação vinculante do amor:

A história do amor entre Deus e o ser humano consiste, precisamente, no fato de que essa comunhão de vontade cresce em comunhão de pensamento e de sentimento e, assim, o nosso querer e vontade de Deus coincidem cada vez mais... revela-se, assim, como possível o amor ao próximo... [que] consiste, precisamente, no fato de que eu amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer... Se na minha vida falta, totalmente, o

contato com Deus, posso ver no outro, sempre e apenas, o outro e não consigo reconhecer nele a imagem divina. Mas se na minha vida negligencio completamente a atenção ao outro, importando-me apenas com ser “piedoso” e cumprir os meus “deveres religiosos”, então definha também a relação com Deus.

Diferenças

Podemos configurar a *mentalidade bíblica* a partir de um traço fundamental que a diferencia das outras mentalidades do Antigo Oriente⁴.

“Escuta, Israel! O Eterno é nosso Deus, o Eterno é um só!” Eis a fé essencial do povo expressa em Dt 6,4. Israel tinha consciência de que seu Deus o interpelava e o povo respondia com amor. Esquemmatizando, pode-se representar o pensamento mítico como uma flecha que, partindo da pessoa, volta à pessoa: o ser humano projeta no além uma divindade; em seguida, pelo *rito*, se esforça por ter poder sobre ela, para colocá-la a seu serviço.

4 Dentre os vários textos que explicitam essa diferença, veja: DEL OLMO LETE, G. **Interpretación de La mitología cananea**. Estudios de semântica ugarítica. Valencia: Institución San Jerónimo, 1984, p. 11-26; BARUCQ, A.; et al. **Escritos do Oriente Antigo e fontes bíblicas**. São Paulo: Paulinas, 1992; AVRIL, Anne-Catherine; MAISONNEUVE, Dominique de la. **As festas judaicas**. São Paulo: Paulus, 1997; LIVERANI, Mario. **Antigo Oriente: história, sociedade e economia**. São Paulo: EDUSP, 2016.

Na Bíblia a flecha se inverte. É Deus que interpela a pessoa, a qual lhe responde. Aqui o *rito* é expressão desta resposta (CHARPENTIER, 1983, p. 33-34). O rito pode ser o mesmo, mas o sentido é outro.

Pensamento mítico	Mentalidade bíblica
divindade	Deus
↻ ↑ rito	↓ ↻ rito
ser humano	ser humano

Unidade

O conceito de cuidado nos leva a refletir sobre a pessoa na perspectiva do AT. O contexto atual suscita com maior intensidade o problema antropológico, as aspirações do ser humano, suas limitações e sentido. No clima espiritual do nosso tempo, nenhum problema é mais urgente que o autoconhecimento da pessoa e dos valores que tornam a vida autenticamente humana.

Não conseguimos perceber a unidade no pensamento veterotestamentário se prescindirmos do fato de que sua concepção antropológica dimana diretamente de sua fé em Deus. O ser humano e Deus, segundo a mentalidade hebraica, estão em mútua conexão, até o ponto em que podemos falar de uma peculiar antropologia bíblica, ao mesmo tempo em que falamos de um conceito único de

Deus. Criado por Deus, o ser humano aparece essencialmente distinto de seu Criador e também dependente dele. A pessoa humana foi tirada da terra à qual estava destinada a retornar. O testemunho de nossa mortalidade aparece no relato da criação e na poesia sacra da literatura sapiencial: “O ser humano, como a relva são seus dias; como a flor do campo ele floresce. Mal sopra um vento e ela se esvai, e nem mais se saberá em que lugar ela existiu” (Sl 103,15-16).

No relato sacerdotal da criação (Gn 1), o escritor sagrado se interessa mais pela função do ser humano que por sua essência. Esta função é definida como um exercício de cuidado responsável sobre a criação. Se a pessoa humana é a única criatura capaz de estabelecer uma relação livre e pessoal com seu Criador, lhe foi concedido, por isso, o cuidado da Criação. Na concepção do ser humano-imagem-de-Deus, o escritor sacerdotal pôde manter unidas as duas ideias da infinita distância que separa Deus da pessoa humana e a mútua comunhão entre ambos. O pecado deformaria esta imagem, mas não a destruiria.

Um pouco de antropologia

Na Literatura Sapiencial do AT é onde aparece mais claramente uma concepção antropológica. Se po-

demos denominá-la “humanismo de Israel”, é porque um dos seus maiores impulsos está no esforço do ser humano por abrir caminhos no mundo, por desenvolver um estilo de vida que lhe proporcione uma orientação segura entre as perturbações que impedem as opções humanas.

A sabedoria tem a ver com a liberdade, com a tomada de decisões, com a responsabilidade e o exercício responsável do poder. O aspecto significativo do movimento sapiencial consiste em uma fusão realista de liberdade e responsabilidade com o governo soberano de YHWH, que implica, por sua vez, uma ordem que dá sentido e valor às deliberações humanas. Ou seja, um convite consistente a libertar-nos da sorradeira simpatia pela misantropia (TAYLOR, 2010, p. 817).

Doas vertentes, uma nascente

É conveniente dividir o movimento sapiencial bíblico e sua produção literária em duas grandes categorias.

A primeira categoria do conceito abrangente de Sabedoria, dizia respeito a um saber prático e pragmático que podia estar tão próximo do cotidiano como a destreza de um carpinteiro.

Baseada em grande parte na experiência humana e passando por

um grande desenvolvimento durante anos, a sabedoria podia referir-se tanto à sagacidade política quanto à conduta adequada diante dos chefes. Porém, nunca foi essa busca de conhecimento, ainda quando se expressasse em termos que parecessem muito terrenos e mundanos, uma meta a ser alcançada independentemente de interesses religiosos. Os mestres de sabedoria, com muita simplicidade, não reconheceram nenhuma parcela da realidade que escapasse ao domínio de Deus. A melhor expressão dessa sabedoria pragmática se resumia no conselho de temer o Senhor. A sabedoria se mantém firme ou decai segundo a reta atitude da pessoa frente a Deus. Onde houvesse temor do Senhor, ali haveria verdadeira religião, autêntica humildade que reconhece a adequada relação entre o ser humano pecador e o Deus santo. Ao mesmo tempo, o temor do Senhor implicava em autoconhecimento, em aceitação de si mesmo. O temor do Senhor é um dom e uma atitude que permite à pessoa estabelecer um equilíbrio entre a ilusão e a desmoralização. Talvez por isso tenha sido chamado de “princípio da sabedoria” (Pr 9,10; Eclo 1,14).

A segunda categoria do conceito abrangente de Sabedoria, mais radical e heterodoxa, suscitou questões

sobre a vida, o sofrimento e a morte, tocando assim o fundo da condição humana. Jó e Coélet (Eclesiastes) facilitam dois exemplos veterotestamentários desta busca esforçada e inquietada que proporciona uma saudável contrapartida à afetada aquiescência à fé religiosa acrítica. Jó e Coélet, de modos diversos, foram uma preparação ao Evangelho.

Jó penetrou num problema mais fundo que o do sofrimento sem culpa. O fio condutor da obra é fazer perguntar-nos sobre nossa imagem de Deus. O personagem embarcou numa odisséia de fé na longa e penosa luta de um ser humano que quer chegar a um compromisso com Deus que nunca o abandonou. Jó não ficou satisfeito em receber respostas teóricas ao seu problema. Ao contrário, sua fé alcançou grandes alturas por haver-se encontrado com Deus, que lhe falou em meio à tormenta. Agora, podia fazer algo mais que expor seus sofrimentos. Podia conviver com eles! “Meus ouvidos sempre escutaram sobre Ti, mas agora (finalmente) Te enxergam meus olhos” (Jó 42,5).

Não ocorre o mesmo com o Coélet. A incitação a assenhorar-se da vida, característica dos sábios, está aqui atenuada porque Coélet se dá conta que não pode entender o desígnio ou plano subjacente no curso dos acontecimentos. Ainda que Deus pe-

netre constantemente o mundo, este continua sendo opaco para Coélet. A radical incompreensão de Deus e de seus caminhos constitui o aprofundamento essencial de Coélet. Isto explica a melancolia que matiza suas reflexões. Mediante o artifício literário da inclusão, que inicia e termina sua obra com a mesma frase: “Tudo é vão e fútil, futilidade das futilidades” (Ecl 1,2; 12,8), dizia ao leitor/a que este livro, do princípio ao fim, tratava do vazio da vida, da futilidade de todo esforço humano.

Por isso mesmo, Jó e Coélet tendem a uma nova intervenção de Deus na vida humana, a uma total e nova gama de valores que preenchem o vazio sentido e expresso tão agudamente pelos autores. Essas obras nos falam da percepção do vazio, da vaidade e das insatisfeitas necessidades humanas. Suscitam algumas das questões mais essenciais sobre a vida. E suas respostas honradas, mesmo que pessimistas, explicam a eterna atração produzida por estes livros. Ao colocar o acento tanto na vaidade e futilidade das coisas quanto na busca por um relacionamento novo com Deus e com as pessoas, os livros, num sentido insólito, porém real, dispõem o espírito humano para a “plenitude dos tempos”, para o momento em que a decisiva intervenção de Deus daria o último sentido à nossa vida.

Vida que persiste

A concepção veterotestamentária a respeito da pessoa humana não podia eludir por mais tempo a questão da vida após a morte. A opinião outrora predominante de que não se creu na ressurreição dos mortos até uma época muito tardia no AT, não se sustenta mais tendo em vista a verificação que os poetas e sábios de Israel prestaram mais atenção à vida futura e foram muito mais explícitos em afirmar a ressurreição dos justos do que alguns pretendiam admitir.

Como poderia a fé de Israel em YHWH excluir o interesse pelo futuro? Certos textos sapienciais demonstram uma firme e profunda fé na ressurreição e imortalidade. Não se trata tanto de afirmações explícitas ou dogmáticas sobre a bem-aventurança futura, quanto de toda uma série de imagens, palavras e temas que se explicam melhor como emanantes de uma convicção subjacente de que a morte não pode apartar a pessoa justa da comunhão eterna com o Senhor.

A vida eterna descrita como um banquete nos é familiar pelo Novo Testamento, pelo mundo clássico e pela literatura cananea descoberta em Ugarit, segundo a qual Baal oferece um suntuoso banquete aos mortos (DEL OLMO LETE, 1984, p.

42-61). Esta imagem joga luz sobre o Salmo 23,5-6 no qual o salmista enxerga antecipadamente o divino banquete que lhe espera na vida futura. Os Salmos 43,3-4 e 91,15-16 parecem apoiar a imagem do banquete como símbolo da bem-aventurança eterna.

Uma fé em processo

As afirmações acima não implicam a pretensão de que esta fé fosse universalmente mantida pelos israelitas, nem que se convertesse em um determinado e explícito artigo de fé. Mas estes lampejos ocasionais de uma convicção de que o ser humano justo gozaria de uma beatitude eterna com YHWH nos recordam que, para os hebreus piedosos, as promessas do Senhor e sua lealdade (*hesed*) eram eternas.

Pela mesma lógica de sua fé, os hebreus nunca poderiam admitir que o poder e a vontade do Senhor para o bem deixassem de triunfar sobre as forças do mal, entre as quais a principal era a morte. No livro da Sabedoria aparece essa paciente espera em Deus fiel a suas promessas: “Os justos vivem para sempre; sua recompensa está no Senhor, e por eles vela o Altíssimo” (Sb 5,15). O centro de gravidade se deslocou da preocupação por este mundo e seus interesses a uma

esperança viva em um Deus cujos cuidados com a salvação triunfam sobre nossa iniquidade e preparam nova comunhão que os poderes do mal não podem quebrantar.

Conclusão: ética do tempo adequado

Queremos, ao concluir, destacar dois pontos sobressalentes do discurso acima.

O Documento Final do Sínodo Pan-Amazônico (n. 107-108) menciona os “itinerários de formação inculturada” que podemos relacionar com a epígrafe deste artigo e com a atitude sapiencial de cultivar a arte do discernimento para fazer aparecer o que favorece a vida ou, ao contrário, o que leva à morte.

Parece evidente que a CF 2020 nos convida ao cuidado da criação e do ser humano concreto inserido nesta criação. Para que isso ocorra, a experiência sapiencial nos oferece um bom eixo onde articular nossa *práxis*. A sabedoria bíblica parte da experiência do reconhecimento. Reconhecer-se, reconhecer os outros e, assim, reconhecer a Deus. Para cuidar da vida é necessário superar a invisibilidade social na qual estão imersas grandes massas humanas. Ou seja, “procurar um modelo de desenvolvimento alternativo, integral e solidário, baseado em uma ética que inclua a respon-

sabilidade...” (DAP 474).

É a referência à vida cotidiana do ser humano individual que faz com que tradição sapiencial destaque-se entre as tradições do AT, bem como, sua disposição de refletir sobre o *ethos* tradicional à luz de novas experiências e de dar-lhe uma maior amplitude. Niccacci (1997, p. 315), em sua instigante síntese sobre a literatura sapiencial, diz que “a ética da sabedoria é a ética do tempo adequado”. Em relação direta com a imprevisibilidade de Deus, as atitudes humanas jamais serão unívocas. O ser humano terá sempre que se adaptar às circunstâncias. É sapiencial sem ser oportunista a ética do tempo adequado, pois o critério não é a utilidade do ser humano, mas a vontade de Deus na situação.

Ao final do nosso pequeno itinerário podemos perguntar (VV.AA, 1983, p. 83): qual é a sabedoria que nos orienta? Quais são os princípios e hábitos que articulam e inspiram a nossa ação? Quais são os nossos mestres de sabedoria? Vale, sem dúvida, recordar S. Vicente de Paulo que afirmava, “os pobres são nossos mestres”. O convívio com a sabedoria permite ao cristão acessar o mundo sob um ângulo novo e inusitado: o da contemplação de Cristo, Sabedoria de Deus.

REFERÊNCIAS

- BEAUCHAMP, Paul. **Ley, Profetas, Sabios** : lectura sincrónica del Antiguo Testamento. Madrid: Cristiandad, 1977.
- BENTO XVI. **Deus Caritas Est**: Carta Encíclica sobre o amor cristão. São Paulo: Paulinas, 2019.
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. 51 ed. Petrópolis: Vozes. 2012.
- CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V conferência geral do episcopado latino-americano e do Caribe. 7 ed. Brasília/São Paulo: CNBB/Paulinas/Paulus, 2008.
- CHARPENTIER, Etienne. **Para uma primeira leitura da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 1983.
- DEL OLMO LETE, G. **Interpretación de La mitología cananea**. Estudios de semântica ugarítica. Valencia: Institución San Jerónimo, 1984.
- KRÜGER, Thomas. Sabedoria/Lei. In: BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian. **Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus/Loyola, 2011.
- NICCACCI, Alviero. **A casa da sabedoria**: vozes e rostos da sabedoria bíblica. São Paulo: Paulinas, 1997.
- RAD, Gerhard von. **Sabiduría em Israel**. Madrid: Cristiandad, 1985.
- TANAH COMPLETO – hebraico e português. São Paulo: Sefer, 2018.
- TAYLOR, Charles. **Uma era secular**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.
- VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- VVAA. **As raízes da sabedoria**. São Paulo: Paulinas, 1983.